

**31º Encontro Anual da Anpocs  
22 a 26 de outubro de 2007  
Caxambu – MG**

**Construindo Identidades Sociais:  
Feminilidade e Masculinidade.**

**ST 18 – Estudos de Gênero: teoria e pesquisa.  
Luís Antonio Bitante Fernandes  
PPG – Sociologia – Doutorado  
FCL – UNESP/Araraquara – SP**

*Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos (...)*<sup>1</sup>.

A identidade nesse trabalho surge como temática de discussão, pois, por um lado, na teoria social de hoje, é uma categoria de intensa análise e, por outro, nos dá a possibilidade de entendermos os movimentos sociais que perpassam os sujeitos da contemporaneidade. Frequentemente focalizadas na mídia e na universidade, as identidades estão sendo atravessadas pelas mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. (MOITA LOPES, 2003)

A chamada “crise de identidade” é vista hoje como parte de um processo mais amplo, no contexto histórico, de mudanças que fizeram do indivíduo moderno um sujeito unificado e que passa por uma instabilidade no mundo social fazendo surgir novas identidades fragmentadas, levando a uma nova concepção do sujeito.

Segundo Moita Lopes, “há nas práticas cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social” (2003, p.15), afetando de forma direta e indireta a construção da identidade social das(os) adolescentes, pois estes questionamentos passam pela tentativa da compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade, em resumo, “de quem somos na vida social contemporânea” (2003, p.15).

Há de se observar que entre as mudanças que estamos vivenciando é notável a transformação da ocupação dos espaços pelas mulheres na sociedade contemporânea, que afetou profundamente a organização da família, bem como os espaços ocupados e reservados aos homens, tanto na vida pública, como também na vida privada, com profundos reflexos em sua própria construção identitária.

Com o propósito de compreensão dessas novas identidades, compreender o Sujeito, que hoje atravessa a modernidade e busca uma identificação na pós-modernidade, surge como elemento de importante significação, pois estaremos articulando com a idéia de um sujeito fragmentado em suas diferenças.

A proposta deste artigo é de desenvolver uma discussão a respeito de como Foucault demonstra sua noção de formação do sujeito, criando-se uma base teórica na análise das relações de poder que se estabelecem no âmbito das relações de gênero e da afirmação das sexualidades por parte das(os) adolescentes.

Sendo assim, percorremos um caminho através da leitura de Foucault, principalmente da *Arqueologia do Saber*, de *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder* onde ele cria uma metodologia

---

<sup>1</sup> LOURO, Guacira L **Gênero, Sexualidade e Educação**. 2003, p.57.

de análise da interpretação do **sujeito**. Para Foucault, o poder não é o tema de sua pesquisa, mas sim, o sujeito como tema geral de suas pesquisas.

Percebemos em sua obra que o autor busca produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano dentro da nossa cultura, a cultura ocidental. Na medida em que seu trabalho vai tomando formas diversas de abordar o tema, destacamos duas categorias de interpretação do mesmo problema: a *objetivação* e a *subjetivação*. É a partir destas categorias que entenderemos a categoria de sujeito e as relações de poder.

Assim, quer pensando na objetivação do sujeito como sujeito falante, produtivo e vivente, realizada por modos de investigação que procuravam obter um estatuto de ciência; quer estudando a objetivação do sujeito enquanto dividido no interior de si próprio e perante os outros, Foucault, em uma passagem da *Microfísica do Poder*, diz que:

Queria ver como estes problemas de constituição podiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte. É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. É isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimento, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história. (1999; p.7)

Essa idéia do pensamento de Foucault é colocada a partir de uma crítica que faz da incapacidade de perceber o discurso como brotando de forma pontual nos acontecimentos. Segundo Fonseca (2003), sua obra não pode ser alvo de sua própria crítica, pois nela existe uma preocupação com os modos de subjetivação do homem, já que as agrupa ou classifica como um conjunto homogêneo em torno de um tema único.

Para se ter uma abrangência da categoria de sujeito em Foucault, trabalhamos a idéia que se refere às expressões de processos e mecanismos de objetivação e a processos e mecanismos de subjetivação.

Ao trabalhar essas duas categorias, Foucault pretende estudar as formas de constituição do indivíduo moderno. Quando fala em formas de objetivação e formas de subjetivação, é sempre em relação à constituição do indivíduo. Sua compreensão, enquanto estudo, faz da constituição do indivíduo moderno como objeto, um corpo dócil e útil<sup>2</sup> e, em um outro momento, seus estudos permitem a compreensão da constituição do indivíduo moderno como sujeito, ou seja, um indivíduo preso à sua própria identidade, pela sua consciência.

Se Foucault trabalha a questão do indivíduo e do sujeito, é porque a eles são atribuídos significados diferenciados e aqui cabe entender esta diferenciação. Esta diferenciação aparece

---

<sup>2</sup> “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de disciplina”; In: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. pg.118.

quando trabalhados os processos de objetivação e subjetivação que concorrem conjuntamente na constituição do indivíduo, sendo que os primeiros, como colocado anteriormente, constituem-se enquanto objeto dócil e útil e os segundos, enquanto sujeitos e estes, enquanto indivíduos presos a uma identidade que reconhecem como sua.

Esses processos de subjetivação do indivíduo enquanto sujeito, sobreposto aos processos de objetivação, vão explicitar por completo a identidade do indivíduo moderno como objeto dócil, útil e sujeito. Sendo assim, sempre que houver referências aos processos de objetivação e subjetivação serão em relação ao indivíduo e o termo sujeito expressará o resultado da constituição do indivíduo ante os mecanismos de subjetivação presentes na atualidade.

Dito isto, ainda que de forma superficial, podemos agora perguntar onde ou qual o lugar em que se encontra o estudo do poder na obra de Foucault, já que sua preocupação central está na constituição do sujeito. Fonseca (2003) explica que, para Foucault, na sua preocupação com modos de objetivação do indivíduo, não há uma desvinculação com o poder, visto que, para ele, o sujeito está preso a relações de produção e de significações, sendo assim, também está preso a relações complexas de poder.

Entretanto, ao passo que para o estudo das relações de produção e de significação há uma série de instrumentos desenvolvidos graças ao conjunto da história e da teoria econômica, da semiótica e da lingüística, respectivamente, o conhecimento das relações de poder apóia-se quase que exclusivamente sobre os modelos jurídicos – que perguntam pelo que garante a legitimidade do poder – e sobre os modelos institucionais – que perguntam pelo significado do Estado. Instrumentos certamente insuficientes para estudar as relações de poder nas quais o sujeito humano está preso. (FONSECA; 2003:27)

Não é o caso, aqui, de se fazer uma análise das relações de poder legitimado por um ordenamento jurídico, mas sim verificar que, no pensamento de Foucault, encontra-se um mesmo processo de interpretação da teorização geral do poder no significado do Estado, efetuado pelos modelos institucionais, na medida em que restringe as relações de poder ao âmbito dos aparelhos estatais constituídos. Em ambos, deixam de ser observados que o poder não é somente uma questão teórica, mas qualquer coisa que faz parte de nossa experiência.

A idéia de Foucault (FONSECA, 2002) é mostrar que as relações de poder não se passam fundamentalmente nem ao nível do direito, nem da violência, nem são basicamente contratuais, nem unicamente repressivas em nível de Estado. Mas, o que a consideração dos micro-poderes mostra, em todo caso, é que o aspecto negativo do poder – sua força destrutiva – não é tudo e talvez não seja o mais fundamental, ou que, ao menos, é preciso refletir sobre seu lado positivo, produtivo, transformador.

A maneira que Foucault propõe para avançar na compreensão de uma nova economia das relações de poder consiste na ligação entre as formas de resistência aos diferentes tipos de poder.

Uma vez que tais formas seriam capazes de evidenciar as relações de poder e ver onde se inscrevem, de descobrir seus pontos de aplicação e os métodos que utilizam, o que vemos é que podemos pensar nas relações de poder a partir do confronto das estratégias de poder/resistência.

Esse confronto de estratégias entre o poder e a resistência pode encontrar-se nas relações entre minorias, tais como homens e mulheres, como mostra em uma passagem da obra *Microfísica do Poder* em que “durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. ‘Vocês são apenas o seu sexo’, dizia-se a elas há séculos” (FOUCAULT, 1999, p.234).

Muito mais do que se fazerem presentes sobre as instituições, classes ou um grupo, tais oposições afetam uma forma particular de poder que tem o seu exercício voltado para a vida cotidiana do indivíduo, quando vemos este subjetivado a sua própria identidade, onde é necessário que se reconheça e que os outros devem reconhecer nele.

Entendido isto, pode-se questionar, com base na relação poder e sujeito, quais são os processos de constituição do indivíduo na atualidade e quais os resultados dessa constituição?

Para responder a esta questão, teremos de retomar a discussão dos processos de objetivação e subjetivação que produzem, no primeiro, o indivíduo dócil e útil e, no segundo, o sujeito preso a sua identidade determinada. E mais, buscar compreender como, na concepção ampla de poder de Foucault, se poderá chegar à idéia de um tipo de relações de forças que transformem os homens em sujeitos.

O processo dessa subjetivação nasce do poder e do saber, criando uma dimensão da subjetividade que não depende deles, mas que deve ser considerada nas relações de poder tratadas por Foucault.

Fonseca coloca que:

...uma vez que o poder analisado segundo a perspectiva das estratégias de que ele se utiliza em domínios diversos da vida cotidiana dos indivíduos, é impossível pensar a seu respeito sem se estar pensando na própria constituição do sujeito, em decorrência da vinculação direta e necessária entre essa constituição e os domínios da vida cotidiana investidos pelas relações de poder. (2003:30)

Nessa abordagem do poder que Foucault cria, percebe-se uma diferença grande em relação às grandes concepções aceitas pela filosofia política e pela ciência histórica. Em seu conjunto de obras não se encontra uma elaboração de uma teoria do poder, mas sim estratégias de poder que, para ele, sugeriram uma significação e um valor gerais. A primeira incompatibilidade em se encontrar uma teoria do poder está na contradição com a concepção de poder.

Poder para Foucault é um termo relacionado a um correlato definido, a um objeto ou a uma idéia definida, que possam ser nomeados por uma palavra: poder. Mas, ele cria uma

concepção de poder que se diferencia de uma idéia de poder como um objeto definido e possível de ser identificado, localizado, manipulado e, por fim, nomeado.

Em Foucault, observamos que:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (1999, p.183)

Nessa concepção, podemos verificar a presença e ausência do poder, uma concepção ontológica que se opõe a sua idéia de relações de força. Assim, para ele, o poder não existiria, mas o que encontramos são feixes de relações de poder, de relações de força.

Essa forma de entender as relações de força se amplia significativamente para além do aparelho do Estado, “é preciso estudar o poder colocando-se fora do modelo do Leviatã, fora do delimitado pela soberania jurídica e pela instituição estatal.” (FOUCAULT, 1999, p.186). Em outras palavras, percebe-se o aparelho de estado inserido na malha das relações de poder e nunca o contrário. Estado/relações de poder como uma coexistência não-conflitante.

Segundo Fonseca (2003, p.32), ficam evidentes no trabalho de Foucault dois aspectos muito importantes: “a maior dispersão e difusão nas sociedades supostas pela noção de relações de poder em relação ao conceito de Estado e a total primazia da primeira sobre a segunda”.

A intenção de Foucault é mostrar que as relações de poder e as relações de força atuam não somente nos limites dos aparelhos de Estado, mas em muitos sentidos, podendo ser consideradas multidirecionais, operando de forma ascendente, que deva

partir dos mecanismos infinitesimais, que têm uma história, um caminho, técnicas e táticas e depois examinar como esses mecanismos de poder foram e ainda são investidos, colonizados, utilizados, subjugados, transformados, deslocados, desdobrados etc., por mecanismos cada vez mais gerais e por formas de dominação global. (FOUCAULT *apud* FONSECA, 2003, p.32)

O que pretendemos aqui é compreender um poder que se exerce de forma operacional, isto é, não parte de uma dominação global tentando perceber os seus efeitos nas bases das relações sociais e sim seu contrário, partindo dos mecanismos sutis das relações de poder que ocorrem neste nível, para assim se apropriar de tais mecanismos pelas forças mais gerais de dominação.

Essa operacionalidade se apresenta muito mais na produção do que pela repressão, como características das relações de força, isto é, se desenvolvem nas relações de força e se apóiam nos mecanismos de produção das idéias, das palavras e das ações. Fica clara a separação da idéia de poder ligado a um aparelho do Estado ou entidades localizadas e as relações de poder

pensadas por Foucault. Na primeira, o poder acontece em torno dos mecanismos de dominação e repressão, uma idéia de poder do tipo proibir, inibir, restringir, fazer calar, fazer ouvir; já na segunda, a idéia de relações de força se desenvolve no tipo incitar, suscitar, incentivar, fazer falar.

Nas palavras de Foucault tem-se:

...o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma 'apropriação', mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividades, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. (2002, p.26)

Encontra-se aqui, claramente, que a idéia que Foucault desenvolve é de relações de forças que induzem, produzem coisas, formam saberes e produzem discursos, em oposição à noção de poder como aparelho que apenas reprime.

Com isso, entende-se que tais relações se dão por meio de uma difusão e capilaridade por meio dos discursos, das ações e dos pensamentos, podendo essas relações ser entendidas como micropoderes, pois dizem respeito às realidades concretas do cotidiano dos indivíduos.

Feitas essas considerações sobre o pensamento de Foucault, chega-se a um ponto crucial para essa discussão: para compreender essa idéia de micropoderes se faz necessário substituir a noção de um ponto centralizador de intenções e propósitos, pela idéia de intencionalidades e estratégias dentro das práticas discursivas ou não, que supõem uma confrontação de ações com outras ações e de discursos com outros discursos, dando a possibilidade de uma resistência com base em um caráter relacional.

É com base nesse caráter relacional que utilizaremos o pensamento de Foucault para compreender algumas estruturas das relações de gênero presentes nas sociedades, a partir de locais historicamente constituídos, como, por exemplo, a escola<sup>3</sup>, local de produção de saber e poder.

As relações entre poder e saber são parte da análise de Foucault, em que a idéia de que a implicação (FONSECA, 2003) entre relações de poder e produção do saber não é mera aproximação de categorias de análise distintas, sem vínculo de causalidade, mas que tais categorias revelam uma dependência mútua. Sabe-se que não há um saber neutro, desvinculado das relações de poder e sabe-se também que essas relações se constituem e se efetuam conjuntamente com a produção de saberes a elas relacionados.

---

<sup>3</sup> O espaço escolar faz parte do universo de análise de meu objeto de pesquisa.

## **Construção da Sexualidade: Masculinidades e Feminilidades Escolares**

Buscamos trabalhar aqui uma compreensão a partir das transições rápidas que a sociedade está experimentando devido aos processos novos responsáveis por um novo modo de pensar o mundo e suas relações, bem como as próprias pessoas em seus esforços (ou não) em compreender o que está acontecendo.

Dinamismo, multiplicidade e contradição são traços para se compreender o sujeito pós-moderno que Hall(2002) nos estruturou e que, portanto, como uma construção social e plural, as sexualidades apontam para uma manifestação de suas múltiplas representações de masculinidades e feminilidades. São múltiplas as formas de ser homem e de ser mulher.

Isso leva-nos a pensar a questão da identidade, não como uma, mas sim, como um múltiplo de identidades que as mudanças na sociedade vêm nos impondo, dentre as quais a de que a experiência humana não é limitada a um grupo étnico particular, a uma raça, a um gênero, a um modo de expressão da sexualidade. Tal fato tem sido evidenciado por uma pluralidade de esforços democráticos que se têm tornado mais e mais aparentes das organizações políticas de grupos minoritários. Segundo Guillebaud, “nossa relação com a matéria, o tempo, o espaço e a própria vida, vive no atual momento uma mudança da mesma ordem”.<sup>4</sup>

Assim, a visão homogênea da identidade vem sendo substituída por uma percepção heterogênea das pessoas, como coloca Bauman “a pós-modernidade é marcada por uma visão do mundo humano totalmente pluralista” (*apud* MOITA LOPES, 2004, p.90). Por outro lado, a percepção de que vivemos em uma sociedade mais fragmentada implica que a emancipação humana pode ser mais facilmente alcançada.

Dito isto, passamos para a questão central na discussão das identidades, pois dentro de uma perspectiva sociocultural, buscamos compreender a partir de bases teóricas, como os adolescentes constroem sentidos para a sexualidade no ambiente escolar. Isso implica dizer que o principal foco de análise são os discursos e interações sociais dos adolescentes situados em uma prática social particular, a escola.

Portanto, como Moita Lopes, entendemos “que as escolas, lado a lado com outras instituições onde agimos, desempenham um papel importante na definição das identidades sociais” (2004, p.91) e ainda, se a educação basicamente envolve a apropriação de discursos, como também os conhecimentos e poderes que eles encerram, como Foucault (2003) argumenta, ela determina em grande parte não somente o que as pessoas fazem como também quem são, serão e podem ser.

---

<sup>4</sup> GUILLEBAUD, J. C. *Le Gout de L’Avenir*. Tradução: Caterina Koltai. Pág. 2.



Neste sentido, utilizaremos o discurso como categoria de análise para compreender as relações humanas, a partir dos significados que este constrói. Sendo assim, a análise também indicará uma base de argumentação que aponta para a existência de visões conflitantes sobre a sexualidade bem como as relações de gênero presentes nas instituições escolares.

Moita Lopes (2004) defende a idéia do discurso como ação social e como tal, construtor das identidades sociais. Em outras palavras, “o discurso é um modo de ação, uma forma nas quais, as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente umas sobre as outras, tão bem quanto um modo de representação” (FAIRCLOUGH *apud* MOITA LOPES, 2004, p.93).

Percebemos que, nessas circunstâncias, o que define o agir em relação a alguém são as posições dos participantes em relações de poder, que não são fixas e podem ser contestadas, pois os sujeitos são formados por práticas discursivas, contudo também são capazes de remodelar e reestruturar estas práticas, como propõe Foucault, que o avanço na compreensão de uma nova economia das relações de poder consiste na ligação entre as formas de resistência aos diferentes tipos de poder.

Uma vez que tais formas seriam capazes de evidenciar as relações de poder e ver onde se inscrevem, de descobrir seus pontos de aplicação e os métodos que utilizam, o que vemos é que podemos pensar nas relações de poder a partir do confronto das estratégias de poder/resistência.

Segundo Moita Lopes (2004), outro traço da natureza social do discurso é que podemos levar em consideração a alteridade quando estamos engajados no discurso, abrindo a possibilidade de alterar o outro, assim como o outro pode nos modificar. Sendo assim, enquanto consideramos as identidades dos participantes discursivos, estamos ao mesmo tempo (re)construindo as identidades deles tal como a nossa, contribuindo para a produção, reprodução e transformação das relações de dominação/exploração.

Percebemos que as identidades não são qualidades inerentes das pessoas, mas são constituídas nas interações com os outros, através do que dizemos e, da mesma forma, como nos percebemos à luz do que o outro representa para nós. As práticas discursivas moldam nossas identidades sociais, sendo assim, o gênero não é fixado antes da interação social, mas é construído na interação. Portanto, as identidades são construídas no discurso, que hoje aparece de forma fragmentada, contraditória e ambígua,

não é mais fácil se falar do indivíduo ou do si-mesmo como uma unidade autônoma e coerente, ao contrário, acabamos por compreender que somos feitos e vivemos nossas vidas como uma massa de fragmentos contraditórios (MOORE *apud* MOITA LOPES, 2004, p.95).

As distinções de identidades que atravessam as pessoas podem aparecer de forma similar em algumas pessoas, no que se refere à sexualidade e diferentes em outras em relação a classes,

gêneros, raças, por exemplo. “Isso tem chamado atenção para posições contraditórias de identidades co-existindo na mesma pessoa e fez com que compreendêssemos as identidades sociais em termos de semelhança e diferença” (MOITA LOPES, 2004, p. 96).

Essa possibilidade situa o sujeito como descentrado e constituído, reproduzido e transformado na e através das práticas sociais ou nas práticas discursivas como Foucault aponta em *A ordem do discurso*.

Como Moita Lopes nos diz,

a possibilidade de transformação da identidade social por meio das práticas discursivas nas quais as pessoas atuam é crucial neste trabalho por causa de seu foco nas práticas educacionais e por causa de meu(nosso) interesse em trazer à tona mudanças nos modos como a sexualidade foi tradicionalmente construída na sociedade, em particular, em espaços como as escolas. (2004, p.96)

Sendo a escola e mais precisamente a sala de aula espaços de interação social, portanto, de práticas sociais e práticas discursivas, devemos levar em consideração a posição de nossas identidades sociais, pois elas só podem existir em contextos sociais construídos em práticas sociais e discursivas, onde estas aparecem como mediadoras das práticas sociais.

Assim como nos coloca Guacira L. Louro, nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se a atribuição de diferenças. “Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricada com as redes de poder que circulam na sociedade” (2001, p.15).

Feitas estas colocações, devemos partir para uma análise de embasamento teórico no sentido de aproximarmos a idéia da construção da masculinidade no espaço escolar, pois desse modo, conseguiremos compreender a construção das identidades de gênero e a sexualidade presentes nesses espaços, bem como buscar uma aproximação com as discussões no capítulo anterior.

O que fica claro, tanto no trabalho de Lia Machado (2004) como no trabalho de Luiz P. da M. Lopes (2004), é que há uma construção da masculinidade nas relações sociais e que esta é por sua vez hegemônica. Da mesma forma, a sexualidade e o gênero feminino foram e são construídos em relação à “masculinidade”, isto é, a masculinidade como referência e critério de comparação.

Podemos perceber em Louro, que

a inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e

codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (2001, p.11)

O argumento que estamos propondo é de que as identidades sociais que tradicionalmente foram posicionadas como hegemônicas na sociedade são consideradas como centro contra o qual as margens são definidas. Portanto, temos que compreender como a masculinidade é construída de forma natural e hegemônica através das práticas sociais e discursivas em termos de gênero e sexualidade no espaço escolar.

Em Moita Lopes (2004), temos que a análise das práticas discursivas e dos significados que construímos vão revelar nossos valores, crenças e nossas concepções políticas e que só se tornarão possíveis ao relacionarmos os significados construídos localmente a contingências políticas, culturais, institucionais e históricas, situando nossas práticas discursivas.

Dessa maneira, levando em consideração a alteridade, ao mesmo tempo em que estamos considerando as identidades de nossos interlocutores no processo discursivo, estamos ao mesmo tempo (re)construindo suas identidades sociais e eles estão reconstruindo as nossas.

Essa abordagem é típica de uma visão não essencialista das identidades sociais, onde estas não são definidas por fatores biológicos, mas como esses e outros fatores são representados nas práticas discursivas e sociais. Dentro deste aspecto não essencialista das identidades sociais, encontramos implícitos três traços principais que as abordagens socioconstrutivistas têm enfatizado: fragmentação, contradição e fluxo.

*Fragmentadas* no sentido de que as identidades sociais têm sido descritas de uma forma não homogênea, isto é, as pessoas não podem ser definidas somente por sua sexualidade ou por sua classe, por exemplo. Vão adquirindo suas identidades de uma variedade de modos que estão disponíveis, por assim dizer. Uma outra abordagem é da natureza *contraditória* das identidades sociais que coexistem na mesma pessoa. “Dependendo das relações de poder existentes exercidas em práticas sociais particulares, o mesmo indivíduo pode estar posicionado em identidades sociais contraditórias” (MOITA LOPES, 2004, p.139). E ainda, podem se apresentar como *fluxos*, isto é, as identidades sociais estão sempre sendo construídas e reconstruídas através dos esforços de construção de significados nos quais nos engajamos.

Essa abordagem de identidades fragmentadas, contraditórias e de fluxos mostra uma visão de identidade social como construção social, implicando o modo como as pessoas se posicionam ou são posicionadas no discurso a partir das circunstâncias nas quais se situam ou das práticas discursivas múltiplas onde atuam, não sendo predeterminadas.

Devemos também ressaltar que, ao pensarmos na construção de identidades sociais neste projeto de pesquisa, estamos trabalhando com um período de vida muito particular, a adolescência. “A adolescência é considerada um momento na vida quando as pessoas estão envolvidas na construção de um sentido coerente de quem são no mundo social” (MOITA LOPES, 2004, p.140), sendo então um momento crucial para detectar os discursos de construção da identidade em desenvolvimento. As abordagens de fragmentação, contradição e fluidez estão presentes na constituição das identidades nas quais os adolescentes estão envolvidos.

Podemos destacar, através de Moita Lopes (2004), alguns pontos fundamentais levantados sobre a masculinidade neste capítulo: a - a visão não essencialista de gênero, portanto, a abordagem de gênero masculino em termos dos modos diferentes de ser masculino na sociedade, construídas nas práticas sociais e práticas discursivas e de como os homens aprendem a se tornar homens por meio de projetos de gênero masculino com os quais se envolvem; b – a fragmentação, contradição e fluidez como características das identidades masculinas, principalmente na adolescência; c – o gênero masculino deve ser visto de forma relacional no que se refere ao gênero feminino e à sexualidade; d – a “masculinidade”, portanto a heterossexualidade, isto é, a masculinidade hegemônica tomada como norma na sociedade em relação à qual a feminilidade e as práticas homoeróticas são medidas, sendo naturalizadas; e – o pertencimento ao grupo masculino é uma força forte na preservação da hegemonia da “masculinidade”.

Portanto, como fechamento deste tópico, procuramos relacionar as proposições acima. Partindo da categoria de análise da masculinidade hegemônica como uma construção social, através das quais homens aprendem a desempenhar papéis sociais de “masculinidade”, percebemos que o envolvimento com esse tipo de projeto de gênero masculino requer toda uma vigilância da parte dos homens sobre eles mesmos.

Assim, os processos de pertencimento ao grupo são cruciais, pois garantirão uma “masculinidade” compulsiva que está nas mãos dos outros. A companhia de pares masculinos parece ser mais essencial na medida em que eles se afastam das mulheres e da sexualidade homoerótica, ocorrendo o oposto em relação às garotas.

“Masculinidades” são impostas por um processo de sociabilização que se inicia na família e pelos primeiros amigos e que continua na escola, a qual é um dos primeiros lugares onde a identidade sexual é produzida (MOITA LOPES, 2004, p.55).

E ainda,

quando afirmamos que as identidades de gênero e identidades sexuais se constroem em relação, queremos significar algo distinto e mais complexo do

que uma oposição entre dois pólos; pretendemos dizer que as várias formas de sexualidade e de gênero são *interdependentes*, ou seja, afetam umas às outras (Louro, 1997, p.49).

Na adolescência, esta é uma prática coletiva e imposta pelos pares, como natural e imposta nos espaços escolares através das práticas discursivas e sociais.

### **Discursos de Identidades**

Seria muito falho de nossa parte falar de construção identitária sem abordarmos a questão discursiva que permeia essa formação desse novo sujeito discutida acima. Pois a temática das identidades, como mostra Moita Lopes (2003), surge em meio a uma concepção de linguagem como discurso, ou seja, uma concepção que coloca como central o fato de que todo o uso da linguagem envolve ação humana, em relação a alguém, em um contexto interacional específico.

Ao fazermos o uso da linguagem, estamos envolvidos num contexto de alteridade (BAKHTIN, 1997) e num contexto situacional, como mostra Moita Lopes (2003). Portanto, é impossível pensar o discurso sem focalizar os sujeitos envolvidos em seus contextos de produção.

Para Moita Lopes, todo o discurso provém de alguém que tem suas marcas “identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular assim como seus interlocutores” (2003, p.19) e, ainda, que essas marcas são frutos de uma consciência que adquire forma e existência “nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN, 1997, p.35).

Dessa forma, quando qualquer ser humano age e interage em um dado contexto, outros o irão reconhecer como uma pessoa que está agindo e interagindo como certo tipo de pessoa ou mesmo como diversos tipos diferentes ao mesmo tempo (GEE, *apud* MOITA LOPES, 2003).

Isso quer dizer que quando usamos a linguagem não o fazemos com um interlocutor ou usuário simplesmente, mas com, por exemplo, “um homem mulato, bissexual, jovem, de classe trabalhadora, brasileiro, enfermeiro etc.” (MOITA LOPES, 2003), ou seja, é a partir de marcas sócio-históricas de suas identidades que construímos nossas práticas discursivas, mesmo que partes dessas marcas estejam suspensas em algumas práticas discursivas ou em alguns posicionamentos interacionais sendo mais ou menos relevantes que outras marcas.

É nesse sentido que ‘o tipo de pessoa’ por meio do qual se é reconhecido, em dado momento e lugar, pode mudar de momento em momento na interação, pode mudar de contexto para contexto, e claro, pode ser ambíguo ou instável (Gee; 2001, p.99) ou como indica Parker (1989, p. 56), “o si-mesmo é construído em discursos e a seguir re-experimentado dentro dos textos da vida cotidiana” e, portanto, reposicionados ou transformados. É assim que as pessoas têm identidades fragmentadas, múltiplas e contraditórias. (MOITA LOPES, 2003, p.20)

Podemos aqui perceber que a identidade social, aquilo que a pessoa é, define-se nos e pelos discursos que envolvem esta pessoa ou nos quais ela circula, ou, ainda, a constroem

mesmo que tais discursos possam ser combinados e ambíguos. Como exemplo, podemos utilizar os discursos que constroem um interlocutor pertencente ao grupo da masculinidade hegemônica que, em seu discurso, define-se como heterossexual em práticas discursivas específicas ou que deixam essa definição transparecer de forma ambígua.

O que deve ficar claro é que o que estamos chamando de identidade, segundo Moita Lopes (2003), e pautaremos por esta definição em nosso trabalho, é um construto de natureza social, e que, portanto, é político. Isto é, uma identidade social compreendida como construída em práticas discursivas, e que não tem nada a ver com uma visão de identidade como parte da natureza da pessoa, uma identidade pessoal.

É importante, aqui, retomarmos a idéia de *práticas discursivas* pensadas com base nos reordenamentos que Foucault, em *Arqueologia do Saber* nos traz, estabelecendo uma relação entre práticas discursivas e a produção histórica dos sentidos, isto é, uma relação com o método arqueológico.

Gregolin (2004) afirma que Foucault, inspirado em Bachelard, procura retirar das ciências humanas as certezas já estabelecidas e deixar falar só o discurso, ficar no nível das coisas ditas, “ficar no lugar em que se manifesta a alteridade de cada fato discursivo” (p.86). Assim, o que ele propõe é afastar aquilo que sempre manteve vivo o sujeito e que garantiu a infinita continuidade do discurso.

Ao falar em *acontecimento discursivo*, Foucault propõe o afastamento das noções utilizadas pela História tradicional (continuidade, linearidade, causalidade, soberania do sujeito) e uma aproximação e afirmação dos conceitos da “nova História” (descontinuidade, ruptura, limiar, limite, série, transformação), elementos que serão a base de sua proposta para a análise do discurso.

### **Análise de Dados - Os Meninos no Contexto Escolar**

Nesta análise, observamos de forma clara nos Grupos Focais (1 e 2) que, tanto os meninos como as meninas, não passam imunes ao contexto escolar, os papéis sexuais são tão prejudiciais aos homens quanto às mulheres. Estereótipos são criados dando forma ao ser homem e ao ser mulher, manifestando pontos negativos.

Começamos nosso “bate-papo” questionando o que é ser ‘homem’ na juventude/adolescência e qual o significado para *eles* desta identificação social. De imediato, a resposta inicial, como podemos verificar abaixo, é que o ‘ser homem’ representa responsabilidade, observemos:

*Aluno 1 – Mais responsabilidade, né!*

*Aluno 2 – É, também! Mas tem cara de 15, 17 anos que a responsabilidade não vem ao caso não.*

*Aluno 3 – Bom, às vezes né, hoje em dia tem jovem que pensa em ser mais responsável, ter sua própria independência, mais tem jovem também que só quer ficar no rumo da mãe, não quer saber de trabalhar nada ... isto é dividido.*

Logo nas primeiras falas os meninos apresentam características de identidades fragmentadas em um contexto de relações marcado pelo próprio momento em que eles se encontram, isto é, um momento de transição e mudanças de comportamento, onde o ‘ser homem’ deve assumir a postura da responsabilidade e deste modo entra em conflito com a imposição da irreverência para a juventude.

Na complexidade do mundo moderno de hoje, os indivíduos já não aparecem como autônomos e auto-suficientes, mas atravessados por vários tipos de relações que se constroem nos processos de interação, mediados por valores, sentidos, representações e símbolos.

Devemos lembrar que ao se estabelecer um Grupo Focal, se estabelece um círculo de representações em que os participantes expõem suas manifestações identitárias, às vezes, de forma espontânea e natural, em outras, querendo demonstrar uma determinada identificação.

*Aluno 4 – É uma fase muito complicada, você quer ir numa festa sua mãe, tipo não deixa por que você é muito novo e qual outra coisa ... é também uma fase que você fica pensando na escola, em vestibular, que já tá no 3º ano e vai tentando fazer as coisas; tem também os hormônios, as pessoas ficam mais estressadas;*

*Aluno 1 – Vai chegando uma idade que as pessoas têm direito a sair, que você tem as suas responsabilidades;*

*Aluno 2 – Com o passar do tempo isso vai aumentando;*

Vejamos a postura do *Aluno 4*, ao estabelecer que nesta fase – ‘*muito complicada*’ - que eles se encontram é um momento de começar a assumir responsabilidades ao pensar na ‘*escola, em vestibular*’ e ao mesmo tempo de curtir as festas, pois os *hormônios* estão presentes como algo natural que deve ser exposto.

O antagonismo entre o respeito à mãe e a vontade de sair, de se divertir é exposto pelo *Aluno 1* como um *direito* que as pessoas têm, ao chegar a certa idade. Neste aspecto, observamos o lado de rebeldia da adolescência como parte de suas identidades. ‘*Com passar do tempo – da idade – isso vai aumentando*’, a responsabilidade aumenta e suas identidades se transformam.

Vejamos os passos seguintes:

**Mediador** – *Então, com o passar do tempo a responsabilidade já começa a aparecer?*

*Aluno 2 – 17 anos você já tem quase 18, né? poxa o ano que vem você já é maior de idade, tem coisas pra acontecer que vão ser pro resto da vida; fazer uma boa faculdade, ser um bom profissional; você já começa a trabalhar, você já começa a ter uma noção, começa a dar valor na vida, tem muita gente que fala que não quer fazer faculdade, mas quando você trabalha*

*isto é diferente. Como já fazem 4 anos que eu trabalho, no mesmo serviço, se eu não estudar vou continuar recebendo um salário pouco, né?... então é isso que vai acontecer;*

A idéia de responsabilidade, identidade vista por eles como uma característica de adultos, entra em conflito com a idéia da ‘curtição’. Como verificado nas falas a seguir, alguns dos alunos tentam mostrar a postura de responsáveis, mediante reconhecimento dos outros elementos do grupo focal.

**Mediador** - *Entendo! Então, nesta fase de idade, qual é o comportamento que vocês devem assumir? De um “adolescente” das festas, de quererem farrear ou o da responsabilidade de um adulto? Quando isso começa a “pegar” de fato?*

**Aluno 4** – *Tem hora pra tudo, dá pra dividir legal;*

Ao propor uma conversa de questões relacionais – meninos e meninas – o grupo se descontrai, demonstrando que este é o assunto de domínio deles, ou como eles mesmos gostam de se referir, um assunto da ‘praia’ deles. É neste momento da conversa que irão surgir os valores de conquista da fêmea pelo macho numa relação de total descompromisso.

O termo ou relação do **ficar** surge como um elemento de banalização de um comportamento onde as relações entre os indivíduos e a estrutura da sociedade projetam o “nós próprio” e internaliza “parte de nós”, fazendo com que os sujeitos se fragmentem, apresentando-se compostos não de uma, mas de várias e múltiplas identidades.

O **ficar** representa marcas de um contexto determinado por um jogo não de sedução, mas de competição valorizada pela quantidade e pela banalização da descoberta de suas sexualidades, tanto masculina quanto feminina. A relação de gênero, no que concerne à sedução, chega a um extremo, onde o fato está acima de qualquer possibilidade de uma outra forma de concepção deste **ficar**.

Vejamos alguns trechos a seguir:

**Mediador** – *Dá pra separar as coisas? ... após um sinal de positivo por parte de dois alunos ... Então vamos entrar um pouquinho na questão que eu quero “sugar” de vocês. Como vocês vêem as meninas com a mesma idade de vocês?*

**Aluno 3** – *Bom!*

**Todos** – *Risos*

No grupo Focal 1, meninas constroem marcas de representatividade masculina, com base em um discurso de uma construção social do significado situado em circunstâncias sócio-históricas particulares e é mediado por práticas discursivas nas quais seus participantes estão posicionados, como diria Foucault, em relações de poder. No que se referem aos meninos, estes discursos são incorporadas por eles como modelo a ser seguido, como mostra a fala:



**Aluna 2:** *“eles ficam assim: ‘tá vendo aquela ali, hoje eu já catei ela, hoje eu já peguei ela’; ‘eu já fui com ela em tal lugar’;*

Ao dizer que o comportamento e discursos dos meninos estão relacionados à superioridade na imposição de suas práticas sexuais, elas estão construindo um modelo a ser seguido pelos meninos e estabelecidos em relações de poder construídos socialmente, confirmados na discussão do grupo focal 2, quando eles colocam que, para as meninas, o que importa é o “garoto com ‘cara’ de mau, ‘cara de macho””.

**Aluno 5** – *namorar é bom, a amizade, é um sentimento legal, o homem quanto mais ele perder a virgindade, ele é o “cara”;*

Nesta fala, a caracterização da masculinidade é identificada com sua potencialidade demonstrada pelo homem e sua relação com a virgindade. Ter sentimentos e expressá-los em uma relação de namoro *é bom*, mas quanto mais virgindade ele perde ou, nas entrelinhas, quanto mais virgindades ele tira, mais vai se tornando o “cara”, com identidade de “macho” e reconhecimento social.

**Aluno 2** – *ele é o “cara”, o melhor;*

**Aluno 1** – **é o bom, agora se a mulher é virgem!**

Continua na fala de outro aluno que ser o “cara”, é ser o melhor, a imagem a ser buscada e a identidade que todos idealizam. Já para a menina, o discurso passa por uma construção de valores de identificação da pureza e delicadeza da mulher, representado pela sua virgindade.

Estas diferenças parecem ser tomadas como intrínsecas às identidades sociais de alunas e alunos e não como sendo construídas no discurso. De fato, o discurso nesta relação é usado para construir identidades sociais de ambos, onde os próprios significados em construção naturalizam as diferenças e apontam para uma estrutura de posicionamento nas relações de poder iniciadores do processo de construção de significados.

Observemos o caso abaixo ocorrido no grupo focal 2:

**Aluno 1** – *se você ver um cara que já, ele é o “comedor”!*

**Aluno 2** – *agora se a mulher não é virgem ...(??.?)*

**Mediador** – *Então faz diferença o fato da mulher ser virgem ou não?*

**Aluno 4** – *quando vê uma mulher virgem você fala: “você é virgem ainda!”; é difícil achar uma mulher assim;*

Fica claro o posicionamento na estrutura de relação de poder, principalmente se lembrarmos que o desenvolvimento da coleta destes dados foi feito através de uma conversa entre homens. A liberdade de expressar determina e marca a posição do falante.

**Aluna 3:** “*eu acho que a mulher tem que ser rígida, porque tem uma colega nossa que ela não liga e os meninos já comentam; eles voltam quando você uma chance para eles se aproveitar, mas se você deixar eles comentam, então tem que deixar sempre bem claro que...*”;

É interessante notar que a mesma situação é descrita pelas meninas de uma forma diferente, onde o poder da masculinidade está expresso de forma imaginária – “*...os meninos comentam...*” – a suposta superioridade da atitude masculina. Assim, vemos posicionamentos diferentes nos processo de interação, a construção das identidades é estabelecida com base em visões que as(os) alunas(os) estão construindo em relação as suas identidades sociais e que podem estar sendo influenciadas pelos discursos de identidades gerados por eles enquanto meninas e meninos.

Esta passagem acima mostra de forma clara como o *poder* se desloca, diferenciando-se da idéia de um poder como objeto definido e facilmente localizado.

Como apontado anteriormente, a escola é um espaço que recebe diferentes indivíduos com diferentes formações sociais e que são influenciados por forças discursivas e que, por muitas vezes, apresenta-se de forma contraditória daquelas das quais participam na escola e fora da escola.

Ao perguntarmos se para os alunos ser o “cara” é importante, percebemos que as relações de força se ampliam de forma significativa a partir da intenção de Foucault de mostrar que as relações de poder e as relações de força podem ser consideradas multidirecionais.

**Mediador** – *e pra vocês, ser o “cara” é importante?*

**Aluno 2** – *é assim, você tem que pegar, você pega, ela vai lá e fala pra uma amiga, conta uma coisa a mais, a menina já fica interessada também;*

O poder surgindo na potencialidade de uma identidade de “macho” sendo propagandeada entre as mulheres como um objeto de desejo, e que, portanto, se torna um corpo dócil e útil, que passará a ser perseguido em sua constituição enquanto indivíduo preso à sua identidade.

**Aluno 6** - *só que se você fizer alguma “cagada”, também tá no “sal”; pra mim essa coisa de ser o “cara” não voga muito não, as pessoas têm que nos aceitar como nós somos; isso não é importante;*

Em outra fala, imediata à anterior, o poder se desloca para a idéia de uma aceitação de sua identidade e não da imposição criada e idealizada como algo a ser perseguido e desejado por todos.

Nas falas seguintes percebemos que o campo de atuação de uma identidade masculina volta para o que supostamente as meninas imaginam, associando a uma nova categoria, a de possuir algo se contrapondo ao de um “pé rapado”.

*Aluno 3 – tem muitas meninas que ligam pra isso; pode não ser importante pra gente, pra ela é;*

*Aluno 2 – se você é popular... se você é um pé rapado, a mulher não vai atrás;*

Ser o “cara” mostra uma identidade construída dentro de uma estrutura de relações de poder, em que sua condição de classe em alguns momentos é superada pelo seu poder de sedução no processo de dominação. E em outros momentos não ser um “pé rapado” traz pra si mesmo o domínio da situação.

Ainda, dentro do mesmo processo de desenvolvimento de uma construção identitária, trabalhada pelos alunos, estes transferem seus modelos de identidades para uma condição do ser masculino formado a partir do seu posicionamento enquanto estudante e o seu possuir, como processos e mecanismos de objetivação num primeiro instante e processos e mecanismos de subjetivação num segundo instante, vejamos:

*Aluno 4 – tem um caso de um amigo meu, ele faz 1º ano de administração, eu falo pra você, “eu sou feio”, mais ele é “horrrível” e ele tem um carro, tem até amigos, é o caso, somos em cinco amigos, eu parei de conversar com ele, teve um dia que eles começaram a apelar lá, e eu falei: “você só ta saindo com ela porque você tem um carrinho!”; eu falei antes dele tirar a carta, ele não tinha amizade com ninguém, e começando de mim, e ele não catava nenhuma mulher; eu sou feio, mas ele!*

Nos destaques, inicialmente, temos a idéia de um pertencimento de um nível hierárquico de educação mais elevada, somada ao fato de ter um carro. Isto mostra que a masculinidade está associada a micropoderes estabelecidos pela relação de estar na faculdade e de possuir um “carrinho” fazendo-o mais ou menos masculino.

Podemos aqui, aproximar a discussão da questão da identidade, não como uma, mas sim como um múltiplo de identidades que surgem nas mudanças de valores que a sociedade impõe, dentre as quais a de que a experiência humana não é limitada a um grupo étnico particular, a uma raça, a um gênero, a um modo de expressão da sexualidade. Expressões de uma prática social de componentes de um agir comum e que nos leva a uma compreensão das representações que os indivíduos fazem de si e dos outros.

Estas representações aparecem não de forma flutuante, movendo-se em espaços autônomos, mas em mediações simbólicas que contribuem com a instauração do laço social. A idéia de feiúra, de forma simbólica, é superada pelo fato de *estar* na faculdade e de *ter* um carro, na construção de uma identidade.

*Aluno 3 – ele entrou na fila dez vezes;*

*Aluno 2 – elas falam: “você faz o quê?” ... “eu faço tal curso”... se você é de fora também, é uma vantagem;*

O reforço das formas de objetivação em que o indivíduo moderno aparece como um “objeto” dócil e útil é facilmente observável na expressão “*eu faço tal curso*”...*se você é de fora* (universitários de outras localizações) em que meninos se espelham e competem para a ocupação de espaços da masculinidade.

Enquanto o assunto é a relação sem nenhuma espécie de compromisso, o que eles chamam de “ficar”, não se demonstra uma relação de poder, mas feixes de relações de poder e de relações de força. O poder aqui, na relação descompromissada do ficar, é exercido de forma operacional, isto é, surgindo em mecanismos sutis das relações de poder que ocorrem neste nível.

*Aluno 1 – tem gente que namora só pra não ficar sem mulher, só que tem cara que a menina não gosta dele, ele sabe, mas não larga dela; ele é “cornô”;*

Nesta fala, o *Aluno 1* deixa claro a operacionalidade da produção de relação de poder, para se resguardar da repressão desenvolvida pelas relações de força. O – *só pra não ficar sem mulher* – é manifestado no sentido da proteção ou resistência aos valores e idéias produzidas pelas ações e palavras. “Ontem eu fiquei com quatro na festa” ou “aquele cara não pega nada”, o que demonstra que a contextualização é mais forte que o desejo.

Por fim, vejamos como os meninos trabalham sua sexualidade frente aos espaços sociais conquistados pelos homoeróticos e suas manifestações. Ao questionarmos sobre o homossexualismo, vejamos o que eles responderam:

*Mediador – o que vocês acham dos dias de hoje, a gente vê o mundo mudando muito, a gente vê a questão do homossexualismo ... há 10 anos atrás era menos presente do que hoje, como é que vocês vêem isso, vocês têm amigos homossexuais?*

*Aluno 3 – amigo não tem, a maioria da nossa idade conversa com um “viado” fica mal visto; a gente evita;*

*Mediador – evita por que o outro fala?*

*Aluno 1 – os outros vão falar que você tá junto, você é;*

*Aluno 4 – não é que aumentou, é que hoje as pessoas não falam como antigamente;*

Observamos que o discurso apresentado pelos *alunos* é construído a partir de uma procura de distanciamento com o ‘diferente’, distanciar daquele que não se identifica com ele e, ainda, se distanciar daquele que será visto pelo outro como uma representação identitária semelhante a sua.

Quando o assunto é o homossexualismo feminino, podemos observar abaixo que o discurso é construído no sentido de perplexidade, onde não mais é a figura do ‘diferente’, mas sim o da idéia de desperdício, desprezo/sátira e afirmação do não preconceito. Vejamos os destaques:

*Mediador – e as meninas homossexuais?*

*Aluno 1 – eu conheço uma;*

*Aluno 3 – na Ficap, eu estava com uma menina do Tobaado, quando eu vi um casal se beijando; duas mulheres, cara!;*

*Aluno 2 – o pior é que a maioria é mulher bonita, eu tenho uma vizinha que é assim, ela é assumida, todo mundo sabe, o pai dela sabe, não tenho preconceito;*

*Aluna 4 – uma vez a gente tava ali perto da borracharia e a gente passou e mexeu com as mulher, aí elas beijaram na boca, aí todo mundo começou a rir;*

*Aluno 2 – uma vez um cara ficou com uma menina, acho que ela não gostou e falou como é bom beijar outra mulher e virou e foi embora;*

*Aluno 3 – eu trabalho no xérox da faculdade, ai teve uma vez lá, que tava tendo um show no barzinho, lá tava todo mundo lá; e tinha um cara que fazia cursinho o ano passado, nem mora mais aqui, ele tava no portão da faculdade, chegou um cara e começou a beijar; tava todo mundo lá fora, numa sexta-feira, 10:00/10:30 esses dois beijando;*

Nesta última fala fica claro a idéia do desprezo, da importância do outro – *tava todo mundo lá* – na construção de sua identidade e principalmente a idéia de que o *outro*, enquanto diferente, não pertence mais ao grupo ou à comunidade – *nem mora mais aqui*.

Passaremos para o próximo item para compreendermos o universo de formação das identidades sociais das meninas e como elas trabalham suas manifestações identitárias.

### **As Meninas no Contexto Escolar**

Neste item, faremos uma discussão com base na Feminilidade das meninas enquanto processo de construção de suas identidades. Iniciaremos com o olhar masculino da mulher, passando gradualmente para uma interpretação a partir das visões que as meninas constroem de si.

Antes iremos fazer uma incursão à categoria feminilidade, buscando compreender como as ciências sociais trabalham esta construção identitária num universo de domínio predominantemente masculino.

Para Bourdieu, o trabalho de construção simbólica “não se reduz a uma operação estritamente *performativa* de nomeação que oriente e estructure as *representações*”, começando por uma representação do corpo (o que ainda não é nada); e que será completada e realizada em uma “transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), num trabalho e por um trabalho de construção prática”. (1999; p.33)

Ao perguntarmos sobre quem está no momento tendo algum tipo de relacionamento mais sério, no caso o namoro, e se isso faz alguma diferença para os meninos, percebemos um posicionamento diferente entre *eles* e uma representação desta relação dada em outros moldes por *elas*.

**Mediador** - De vocês, quem está namorando ... só você? (aponta para um dos garotos após manifestação dos demais) e faz diferença estar namorando ou não?

**Aluno 5** – eu gosto mais, acho importante o “ficar”, **mas namorar é melhor**, no meu conceito, **namorar é importante, você tem mais responsabilidade;**

**Mediador** - então, qual é o relacionamento entre os namorados?

**Aluna 3:** bom, com **namorado tem amor**, mas quando você tá ficando com o rapaz, você não sabe se amanhã você vai ver ele de novo, se ele vai olhar pra tua cara, é isso, é coisa de moleque;

**Aluna 2:** no namoro você começa a gostar da pessoa, **tem o tal sentimento;** é você pegar a pessoa levar pra casa, aí você vai contar para seus pais; **você vai poder dividir as coisas com a pessoa; respeito né?;**

Enquanto os meninos falam em *responsabilidade* as meninas se manifestam pelo sentimento – *namoro tem mais amor* – e pelo respeito. Nesse sentido começamos a entender que a produção discursiva de ambos passa por um processo que não é exclusivo dos tempos de hoje, mas que a construção de novos sujeitos e os novos enunciados se dá a partir de velhos sujeitos e de velhos enunciados.

O pensar masculino prima pela *razão*, enquanto o feminino, pela emoção, uma condição que não é dada a priori, mas sim estabelecida em uma disputa ferrenha que consolida diferentes sentidos em cada época e contexto.

**Aluno 2** – se você namorar, **você não pode chupar um sorvete sozinho**, se vai em tal lugar tem que falar, se você joga uma bola tem que falar, se você vai viajar tem que falar e ficar, **se não você não tem liberdade;**

**Aluna 3** - namorar também não é aquela coisa eu amo a pessoa, porque amar a gente ama a pessoa; não é de um ano a dois, nem com três; **amor é quando não tem explicação para amar uma pessoa**, mas quando você convive com ela; igual ela disse: ‘tem o respeito, você vai na casa da pessoa, conhecer a sogra’;

**Aluna 4** - só que namoro tem diferença porque a partir do momento que você tá namorando com uma pessoa, é porque você quer uma coisa a mais; aí a pessoa já começa a se importar mais com ela, **e tem o negócio do ciúmes que a mulher sente pelo homem;** o homem é assim, eu to ficando com uma pessoa eu posso fazer o que eu quiser, o namoro já não é isso, é uma coisa mais séria, é mais concreta;

Percebemos que tanto na fala dos meninos, quanto das meninas aparece a estrutura de relações de poder caracterizado pelo sentido da posse, em que, para *elas*, respeito tem o significado de marcar um posicionamento na relação, mesmo aceitando a condição de ciúmes – *que a mulher sente pelo homem*.

Por outro lado, os meninos rebatem esta idéia do ciúme com a perda da liberdade –  *você não pode chupar um sorvete sozinho* – mesmo sendo esta colocação em nível interpessoal.

A caracterização da feminilidade é vista em ambos os casos como uma construção dada pela fragilidade do sentimento e pela posse de um companheiro

**Mediador** –  *vocês cobram isto também?*

**Aluno 4** –  *se ela vai em um lugar que eu não vou;*

**Aluno 1** –  *por isso que as pessoas preferem “ficar”, porque se você começa a namorar, você começa a ficar preso;*

**Mediador** –  *mas na hora que vocês estão namorando, cobram isso delas?*

**Aluno 1** – **ciúmes, ambas as partes cobram;**

**Mediador** –  *então se tem uma festa que vocês não podem ir, elas também não vão?*

**Aluno 5** –  *no meu caso não é assim; eu fui na festa sexta e no sábado eu fui pro rancho, aí tem a confiança;*

**Aluno 2** –  *no meu caso eu não podia chupar um sorvete, ela não saía e não deixava eu sair, se eu saísse de casa pra ir na casa de um amigo meu, era motivo de briga já; o meu primo fez isso em tal festa, a namorada dele disse: “eu também não”; ele chegou, a namorada dele já tava lá, então ele largou;*

**Aluno 4** –  *é pior!!*

Ao surgir a palavra *ciúmes*, os meninos se manifestam de maneiras opostas frente à posição que devem assumir no relacionamento. Um, entre eles, assume o papel da confiança dentro do relacionamento. Neste momento, a postura estabelece uma aproximação com o conceito de relação que as meninas propõem, fato este que fica claro pelo tempo de relação que este aluno mantém com sua companheira. Portanto, sentimento e confiança referentes às feminilidades.

Em sentido contrário, a *liberdade* surge como um componente de caracterização das masculinidades, representadas tanto pelos meninos como pelas meninas.

Quando perguntado para elas suas opiniões a respeito de como os homens “enxergam” as mulheres, como elas são vistas, a resposta de uma menina e a confirmação nas expressões das colegas mostraram uma importante significação relacionada com o corpo.

Fraga (2000) nos coloca que o corpo é resultado provisório de diversas pedagogias, sendo marcado e distinto muito mais pela cultura do que por uma essência natural. Assim, este aparece como um corpo instituído com um poder regulador, que impõe limitações, autorizações e obrigações. Um poder, como dirá Foucault (2003), que não emana de nenhuma instituição ou indivíduo e muito menos se estabelece pelo uso da força, mas sim pela sutileza de sua presença nas práticas da vida cotidiana.

**Mediador** – (...) como é que vocês sentem que a mulher é tratada, é vista; como é que vocês acham que os colegas enxergam as mulheres?;

**Aluna 2** - eu acho que, principalmente, *os homens olham mais o corpo da mulher* e fazem aqueles comentários; se for uma pessoa com o *corpo bonito* e tal; acho que eles *dão mais valor a isso* do que uma pessoa inteligente, magrinha e coisa e tal; *quanto mais bonita, quanto mais beleza*, mais formação; não interessa se tem a mente pequena, falar tudo errado, não ter o mínimo da cultura; mas porque você é linda, tem seios largos, o bumbum, eles querem não uma amizade; eles querem tirar proveito da situação; e isso acontece muito, na nossa sala acontece muito...você tá parada vem um e pá agarra! *Cadê o respeito?* Você vai falar, o cara acha ruim ou xinga;

Os destaques da fala da menina mostram a importância que é dada para o corpo na construção da feminilidade, um corpo com características de uma construção social imaginada como ideal, o que leva a uma fragmentação das interpretações da sexualidade feminina. A mulher não é nada além de seu corpo.

**Aluna 3** - a gente tem amiga que eles falam: *‘é só pensa em homem*, não pode ver um rapaz’... é, e você não pode falar deles, pois eles são perfeitos; *é, e ele sempre tem seu lado perfeitinho; e subentende que eles são os bons do pedaço, os melhores;*

**Aluna 2** - mais também em outro caso as mulheres, *a mulher é vista só pra ficar em casa, só pra lavar, pra passar, só pra isso, só pra aquilo...*penso que o homem tem que dar valor a mulher não é só porque sabe passar, limpar, cozinhar; tem que dar o valor nela, porque ela também dá valor nele, com respeito ao homem, dá o carinho dos seus filhos também; a mulher não deve ser uma ‘Amélia’, uma ‘Amélia’ não tem mais”;

No discurso elaborado pelas meninas o conflito de suas identidades aparece, por um lado, pela identificação da mulher em relação ao seu corpo e sua submissão a essa imposição masculina e, por outro lado, esta mesma identidade se fragmenta ao mostrar que a mulher ainda é vista *só pra ficar em casa, só pra lavar, pra passar*, uma outra relação de subordinação para aquelas que não têm os atrativos acima descritos.

Ainda, como uma terceira opção de análise, veremos que nesta construção de suas identidades, a resistência enquanto modelo surge na perspectiva do olhar dessas meninas. A resistência como um processo também de construção de uma nova identidade de mulher-feminina nestes novos contextos de relações, como será discutido no capítulo 3 e que percebemos nesta fala abaixo:

**Aluna 1** - mais ou menos; acontece muitas vezes da mulher não se dar o respeito, *porque essa questão da mulher ser valorizada pelo físico ela é incentivada pelo meio de comunicação, principalmente a televisão;* hoje em dia a gente liga a televisão só vê mulher sem roupa, mulher



querendo exibir o corpo; *então quer dizer que a mulher não se dá o respeito*, a mulher mesmo não se respeita; acho que a sociedade começaria a valorizar ela pelo intelectual, pelo o que ela é por dentro, porque ela mesma, em alguns casos ela mesma faz tudo para aparecer, para ver o que ela tem por fora, ela usa o corpo né? *Porque ela prefere tá usando o corpo à sua própria capacidade; ela vê o corpo como um valor e tá recebendo por isso;*

Quando insistimos na questão do *corpo* e na questão de como os meninos se manifestavam em relação ao respeito pelas meninas, as respostas delas têm um sentido oposto à dos meninos, pois, como mostrado anteriormente, eles manifestaram respeito em relação às meninas, enquanto as respostas delas mostram que não há este procedimento por parte deles. Vejamos:

**Mediador** - vocês falaram da questão do corpo, dos meninos que agarram as meninas, a questão do respeito!

**Aluna 2** - eles chegam perto da gente, pegam na mão!

Até aqui tudo normal, pois o pegar na mão é algo natural como expressão de um carinho, mas o gesto utilizado pela garota no momento da fala, registrado por percepção, demonstra que o pegar na mão expresso por ela está carregado de outros sentidos. Continuemos:

**Mediador** - então como que vocês acham que as meninas, de hoje, devem se comportar frente a essas atitudes dos meninos?

**Aluna 3** - eu acho que a *mulher tem que ser rígida*, porque tem uma colega *nossa que ela não liga e os meninos já comentam*; eles voltam para você quando eles querem se aproveitar, *mas se você deixar, eles comentam*, então tem que deixar sempre bem claro que...;

**Aluna 3** - ah! Ela gosta, *ela gosta que passa a mão nela; ela é fácil!*

**Aluna 2** - eles ficam assim: *‘tá vendo aquela ali, hoje eu já catei ela, hoje eu já peguei ela’; ‘eu já fui com ela em tal lugar’;*

**Aluna 3** - talvez isso nem aconteça, comenta;

As falas das meninas estão carregadas de um sentimento de “revolta” pela forma como são tratadas por alguns meninos, pois tanto meninas, quanto meninos estão em um momento de descoberta de suas sexualidades e dos prazeres que estes momentos proporcionam. A indignidade é no sentido de que o prazer poderia ser compartilhado, e o que se vê é uma relação de depreciação de um em relação ao outro.

Ao expressar – *ela gosta que passa a mão nela, ela é fácil* – percebemos que o olhar feminino em si próprio demonstra características de uma identidade construída pelo outro com base em valores depreciativos, colocando os sujeitos em condições de desigualdade frente às relações.

Esta imagem é perpassada pela própria posição que algumas garotas assumem e que são criticadas pelas outras – *ela não liga e os meninos já comentam*. Na expressão, podemos encontrar duas posições para serem assumidas: a primeira que é de ter vontade de expressar sua sexualidade de forma espontânea e, a segunda, é de se manter dentro de padrões pré-determinados socialmente. Assumir qualquer uma das duas situações terá seus prós e seus contras.

Ao introduzirmos o assunto do “ficar”, que foi muito valorizado pelos meninos na construção de sua masculinidade, percebemos que para as meninas assumir esta posição requer muito mais confronto social entre elas, entre elas e a família, entre elas e a sua própria comunidade de sociabilização.

**Mediador** - Pois bem. Já que vocês falaram da questão do ‘fácil’, percebe-se que hoje se comenta muito, entre os jovens, a questão do ‘ficar’, está presente na vida de vocês. Como vocês vêem essa relação do ‘ficar’?

**Aluna 2** - *eu acho que o ficar faz parte, porque a gente conhece e tudo mais; só pra algumas pessoas esse ficar acaba indo mais além do que o ficar e então, onde que surge comentários maldosos*; por incrível que pareça, na minha época (....)

**Todos** – Risos;

Em um momento de muita descontração provocada pela fala – *na minha época* – como se uma garota de 18 anos já tivesse vivido tudo o que se deveria viver na adolescência no que diz respeito às suas práticas amorosas.

Na fala acima, observamos a necessidade de mostrar uma característica de identificação da juventude, que é o “ficar”, mas que tem no seu complemento discursivo a idéia de que meninas não devem ser muito expostas. Da exposição pode surgir o comentário, a forma que o outro a vê, e para ela isto é motivo de grande preocupação.

É importante ressaltar que na fala da *aluna 2*, encontramos um discurso trabalhado por uma teia de relações de poder sempre tensas e sempre em atividade sugerindo assim que o poder é mais dado e visto como um modelo de batalha do que como algo que se conquista. (FOUCAULT; 2002c)

Nesta idéia, trabalhamos as representações de práticas semelhantes a jogos, em que os participantes estão sempre em atividades, e que não há vencedores, mas um constante jogar. Como apontado anteriormente, onde há poder, também há resistência, porém esta nunca está exterior em relação ao poder, e sim, a multiplicidade de pontos da resistência é inerente ao exercício do poder (LOURO, 2003).

**Aluna 2** - ...na minha época *não tinha esse negócio de ‘ficar’*; eu nem sabia o que era o ‘ficar’; foi o meu primeiro beijo, era uma coisa meio assim, de dar a mão, um toque, um sorriso,

e depois vai pegando mais amizade; as pessoas mais vividas, mais adultas vão falando com o fulano, ‘ah, você ficou?’ eu fico com alguém lá em casa, quando eu saio vou na boate, vejo um moço e conheço, faço novas amizades...*tem gente que nem liga, vai lá ‘ficar’ quase numa relação sexual; eu sou extremamente contra; eu acho que o corpo tem que ser usado de uma boa forma e numa situação;*

**Aluna 4** - hoje quando se fala ‘ficar’, não é beijinho na boca, (...),mudou o conceito; *não é mais, beijinho na boca não existe mais;*

A construção de uma definição do “ficar” passa por outros aspectos que não foram trabalhados pelos meninos. Para as meninas o “ficar” assume uma característica de muito maior representação social, pois está diretamente relacionado com o modo que sua identidade social é construída e de que maneira *elas* deverão preservar uma identidade de moça respeitada.

Vejamos que no discurso da *aluna 3* há um apelo argumentativo para a posição assumida diante da mãe, explicar o que significa o “ficar” e como ela se posiciona diante deste “ficar”.

**Aluna 3** - quando a minha mãe, ela ouviu essa palavra ‘ficar’, ela ficou bolada! ‘Meu Deus do céu liga pra polícia, com quem você está ficando?’; aí você vai explicar; aí tem o famoso diálogo; ‘ele é assim...’... ah! se mudou o conceito;

**Aluna 2** - da minha época pra cá mudou realmente o conceito;

**Aluna 4** - e hoje tem gente que chega em mim e nas minhas amigas; *‘hoje eu já fiquei’; ‘hoje eu já fiquei; ontem eu saí na boate, fiquei com cinco’*

**Mediador** - então as meninas falam com quantos ‘ficam’?

**Aluna 2** - *por isso que hoje a mulher não é respeitada; porque ela não se respeita; se ela mesma não gosta desse tipo de coisa e vai atrás, ela dá dando motivo.*

Fica claro em nossas análises que a identidade da sexualidade feminina, no contexto de interação e sociabilização das adolescentes, é vista e produzida através do olhar do outro, que tanto pode ser um olhar masculino, como pode ser um olhar feminino introjetado pela dominação masculina elaborada no contexto social.

Na fala acima, quando *elas* expressam que há uma competição entre elas, pelo número de meninos que foram beijados, este fator é determinado por uma visão masculina de relações. Num primeiro momento, percebemos uma identidade fragmentada em suas múltiplas faces, pois o “ficar” representa não somente a descoberta de sua sexualidade, mas também de uma imposição de valores construídos socialmente.

Nesse sentido, partiremos para uma outra análise com base nas relações de gênero que trarão sustentabilidade à tentativa de descobrirmos um pouco da formação identitária da adolescência de hoje.

## Conclusões

Falar da *adolescência*, como já colocado anteriormente, implica não falar genericamente como um bloco homogêneo, mas sim como uma categoria histórica, segmentada e construída na modernidade. Como verificado, através dos nossos estudos e da literatura vigente, a condição de adolescência varia de sociedade para sociedade, em suas particularidades, mas no interior de uma mesma formação social ao longo do tempo.

Entendermos a *sexualidade* no contexto da adolescência seria como achar a “lâmpada mágica”. Por um lado, as(os) adolescentes chamam a atenção para alguns aspectos da sexualidade contemporânea, no sentido de mostrar esta categoria sentimental e social como um elemento de construção de laços sociais que se encontra “banalizada” dentro de uma estrutura social. Por outro lado, contribuem para que ela terminasse por ser, com frequência, associada à sua dimensão comportamental, reforçando uma concepção, além de redutora e racional, biologizante e naturalizada da sexualidade.

Entendermos o *gênero* como uma categoria de análise em nosso trabalho é revermos as teorias e propormos um pensamento plural, que analisa a fundo as representações sociais buscando afastar-se dos argumentos biológicos e culturais da desigualdade, o qual em nossa sociedade tem como ponto de referência o masculino. Nosso exercício, que não termina aqui, propõe um rompimento com o pensamento dicotômico de nossas práticas sociais: feminino em oposição ao masculino; razão ao sentimento; teoria à prática; público ao privado.

Em nosso trabalho, buscamos uma aproximação das categorias de gênero e sexualidade na tentativa de compreendermos as identidades sociais das(os) adolescentes. A questão da identidade passou por um processo de interpretação e de análise, instrumentalizada pela teoria social, com o argumento de que as velhas identidades, que por tanto tempo controlaram o mundo social, estão, hoje, em processo de desconstrução fazendo com que surjam novas identidades, no plural, fragmentando o indivíduo moderno, visto como um sujeito unificado.

No capítulo 2, na primeira parte da análise, a interpretação dos dados evidenciou que a masculinidade é definida, dentro do universo da adolescência, por padrões que são estabelecidos socialmente, como partes de um processo de ocupação de um posicionamento elitizador.

Os posicionamentos se destacam na construção das identidades sociais de suas sexualidades a partir de um elemento que vai caracterizando a formação de um indivíduo que é “macho” e que isto representa “pegar”, no sentido de possuir ou, a possibilidade de ter em sua posse o maior número de meninas possível.

Estes posicionamentos são estabelecidos numa concepção naturalizada e essencialista de masculinidade e feminilidade em que são construídos como categorias dicotômicas, homogêneas e intrínsecas a homens e mulheres.

Nesta construção, o modelo hegemônico da masculinidade é reproduzido e legitimado, principalmente quando nos deparamos com a construção do modelo de “o cara” definido pelos meninos e legitimado pelas meninas.

### Referência Bibliográfica

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Trad.: Sérgio Milliet, 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. vol.1 – “Fatos e mitos”; vol.2 – “A experiência vivida”.
- BITANTE-FERNANDES, Luís Antonio. **As relações de gênero e o tema transversal “sexualidade” nas práticas educativas**. Monografia entregue no dia 15/03/2002 como trabalho de conclusão do curso de Especialização: *Didática e Metodologia do Ensino Superior*, nas Faculdades Integradas Urubupungá de Pereira Barreto - SP.
- BORUCHOVITCH, Evely. *A Sexualidade na Adolescência: considerações para uma educação sexual mais efetiva*. In: SISTO, Ferminio F.; OLIVEIRA, Gislene de C.; FINI, Lucila D. T. (orgs.) **Leituras de Psicologia para Formação de Professores**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: USF, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- FOCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. **As palavras e as Coisas**. 8<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002a
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade**. 13<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. (Volume 1)
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade**. 8<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. (Volume 2)
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade**. 7<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002b. (Volume 3)
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 14<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002c.
- FONSECA, Márcio A. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Michel Foucault e o Direito**. São Paulo: Max Limonad, 2002.
- FRAGA, Alex B. **Corpo, Identidade e Bom-Mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FRASER, Nancy. “Políticas feminista na era do reconhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero”. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.
- GREGOLIN, Maria do R. **Foucault e Pêcheux: na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Gênero: questões para a educação”. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. (orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Ed. 34, 2002.
- \_\_\_\_\_. (org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica: 2001.
- \_\_\_\_\_. “Pedagogias da sexualidade”. In: LOURO, Guacira L. (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOURO, G. L.; NECHEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOITA LOPES, Luiz P. da (org.). **Discursos de Identidades:** discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidades Fragmentadas:** a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002. (Col. Letramento, Educação e Sociedade).

MOITA LOPES, Luiz P. da e BASTOS, Liliana C. (orgs.). **Identidades:** recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.